

A Puta em Pauta: performances *queer* de Madonna e territorialidades semióticas no jornalismo (de cultura pop)¹

Christian GONZATTI²

Ronaldo HENN³

Felipe Viero KOLINSKI MACHADO⁴

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS
Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Algumas performances de Madonna podem ser percebidas em uma dimensão *queer*. Buscamos refletir acerca do enquadramento de tais performances por instâncias do jornalismo, seja em uma cobertura de caráter mais tradicional ou articulada às lógicas e linguagens da cultura pop. Através da análise de construção de sentidos em redes digitais, percebemos como notícias e matérias em veículos distintos podem acionar diferentes sentidos sobre a cantora, configurando territorialidades semióticas. Diferenciamos as noções de performatividade e performance utilizadas na pesquisa e apresentamos a proposta conceitual de jornalismo de cultura pop para, então, trazermos inferências sobre os elementos analisados. Defendemos, por fim, novas miradas críticas dos processos jornalísticos que se voltam ao pop, assim como a necessidade de entender os vínculos de fãs com tais processualidades.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; cultura pop; *queer*; gênero; redes digitais.

INTRODUÇÃO

A “Putá da Babilônia” é uma personagem bíblica, mencionada nos capítulos 17 e 18⁵ do “Livro do Apocalipse”. Vestindo as cores púrpura e escarlata, adornada com pedras preciosas e pérolas, assentada sobre as “grandes águas” em uma besta com sete cabeças e dez chifres, segurando um cálice de ouro com impurezas e “pecados da carne”, ela seria o mal, as abominações e as práticas repugnantes, representando também a “Cidade” que reina sobre os reis da Terra. As “águas” em que ela estaria seriam povos, multidões, nações e línguas. Poderia tal profetização aproximar-se de Madonna, nos Estados Unidos e na cultura pop?

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Ciências da Comunicação, Mestre em Ciências da Comunicação e graduado em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda pela UNISINOS. E-mail: christiangonzatti@gmail.com.

³ Professor e pesquisador no PPG em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Coordenador do grupo LIC. Pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Graduado em comunicação social com habilitação em jornalismo pela UNISINOS. E-mail: henn.ronaldo@gmail.com.

⁴ Bolsista de pós-doutorado (PDJ/CNPq: 150038/2018-6) junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e professor substituto do curso de jornalismo da UFOP. É Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e jornalista pela UFSM. E-mail: felipeviero@gmail.com

⁵ Fonte: <https://www.biblionline.com.br/acf/ap/17>. Acesso em: 01 jul. 2018.

Fãs de diferentes produções mediáticas podem, dada a falta de materiais informativos sobre determinada celebridade, por exemplo, construir e organizar sites que trazem notícias, críticas e outros conteúdos sobre ela – buscando, inclusive, a formação jornalística para alavancar tais processualidades. Movimentos dessa ordem integram, entre outras dinâmicas, aquilo que pode ser compreendido como um jornalismo de cultura pop (GONZATTI, 2017). A sexta turnê de Madonna, a *Re-Invention Tour*, de 2004, foi catalisadora de acontecimentos sobre os quais muitos sites jornalísticos pop com vínculos de produção de fãs constituíram matérias, entre elas a especulação de que o nome da turnê seria *The Whore Of Babylon*. O *Madonna Online* desenvolveu, seguindo tal lógica, análises bíblicas⁶ para justificar o, posteriormente desmentido pela cantora, nome da *tour* – um exame detalhado que também é feito em videoclipes e *trailers* de filmes. Em movimento paralelo, sites de teorias da conspiração⁷ publicaram materiais que apontam os indícios na trajetória de Madonna possibilitadores de a consagrar como a “Putá da Babilônia”.

Na década de 1920, ao caminhar pelas ruas de Paris, Walter Benjamin (2006) propõe filosofar sobre diferentes camadas de materiais que saltam a sua percepção – ruas, lojas, exposições, iluminações, moda, tédio, entre outras sensibilidades percebidas e/ou sonhadas, que poderiam ser articuladas em diferentes e permeáveis constelações. No Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento (LIC), o processo de *flâneur benjaminiana* tem inspirado os exercícios metodológicos da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN et al., 2017). Diferente da Análise de Redes Sociais (RECUERO et al., 2015), o método pressupõe um olhar para as microconexões e as complexidades de linguagem, sendo orientado pelas semióticas (PEIRCE, 2002; LOTMAN, 1986), visando a mapear, a elaborar constelações de sentidos e a desenvolver inferências sobre os processos através das lentes com as quais se está olhando o *corpus*. Seguindo tais proposições, desenvolvemos arqueologias digitais que nos revelam como questões que trazem em si signos *queer* performatizadas por Madonna ganham diferentes tessituras no jornalismo. No processo, chegamos não só a associação de Madonna com a “Putá da Babilônia”, mas também a outros elementos que serão destacadas no artigo.

Na fala de Adriana Amaral e Ariadne Mustafa (2015)⁸, a trajetória de Madonna foi analisada através de três qualificações: a virgem, a puta e a rainha. Partindo dessas complexas rotas célebres da cantora, nos questionamos, portanto, como performances específicas de Madonna, que trazem em si uma semioticidade puta, entendidas aqui em uma perspectiva

⁶ Fonte: <http://madonnaonline.com.br/2004/02/26/a-prostituta-da-babilonia/>. Acesso em: 01 jul. 2018.

⁷ Fontes: <http://nostradamuspredictions.org/nostradamus-madonna-prediction-madonna-whore-babylon>; <http://www.strangeconspiracies.com/2012/06/madonna-original-whore-of-babylon-and.html>. Acesso em: 01 jul. 2018.

⁸ Na aula dada no dia 25 de março de 2015, na Aldeia, em Porto Alegre.

queer, são operacionalizadas na interface entre jornalismo e cultura pop? De que maneiras territorialidades semióticas podem ser percebidas nesse contexto? E quais as possibilidades reflexivas e de exercício do jornalismo de cultura pop são sinalizadas em tal processo? Logo, a primeira parte do artigo trabalha com um recorte teórico-problematizador que sinaliza o nosso entendimento de performances *queer*, a segunda aborda a interface entre jornalismo e cultura pop e como territorialidades semióticas podem ser percebidas nesse processo para, então, desdobrarmos a análise. Desenvolvemos, também, um levantamento de trabalhos⁹ que abordam a relação entre Madonna, gênero, sexualidade, *queer* e/ou jornalismo visando a trazer contribuições ao campo e a contextualizar o nosso objeto.

O QUEER EM DIMENSÃO PERFORMÁTICA E PUTA

Naquilo que tange a noção de performance, vale lembrar que há uma contradição quando o seu uso é feito em relação ao *queer*. Em tais estudos, a noção de performatividade vem sendo privilegiada e tomada como potente possibilidade de perceber como os discursos constituíram o sexo e, a partir de um sexo, um gênero – na medida em que, como consequência, sexo sempre foi gênero (BUTLER, 2003; 2014). Assim, o sexo, historicamente e culturalmente, foi administrado, sendo, desde o início uma categoria normativa, que impõe as formas de ser no mundo. Em outras palavras, “[...] é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo” (BUTLER, 1999, p. 111). Salih (2015), ao recuperar as discussões propostas por Butler no que se refere às diferenciações entre performatividade e performance, lembra que ao passo que a performance pressupõe um sujeito preexistente, a performatividade contesta a própria noção de sujeito.

Os estudos e ativismos *queer*, nessa perspectiva, empregam a noção de performatividade para entender como as sapatonas, as bichas, as transexuais, as travestis e outras identidades que enfrentam precariedades (BUTLER, 2015) podem, através de uma reapropriação da injúria (ERIBON, 2008), tomar para si o lugar de fala (PRECIADO, 2014). Portanto, se *queer* é um xingamento no contexto de língua inglesa, ele é também uma ofensa ressignificada e minada de outros sentidos. Ao mesmo tempo, entendemos, em concordância com Loureiro e Vieira (2015), que as regras de gênero podem ser performáticas e entendidas como fenômenos repetidos para simular uma ideia de naturalidade, mas, ao nos tornamos conscientes de algumas convenções sociais decorrentes dessa performatividade, que quase sempre é binária ao nosso olhar, dada à força das imposições de poder históricas e culturais,

⁹ Buscamos no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes trabalhos com as palavras-chave: Madonna e gênero, Madonna e *queer*, Madonna e sexualidade, Madonna e jornalismo e as interseccionalidades entre tais palavras.

podemos performar o gênero normativo em alguns níveis. É o que fazem, por exemplo, algumas *drag queens* – o que foi motor para que Butler revisitasse algumas de suas contradições.

No que se refere ao contexto de seu desenvolvimento, pode-se dizer que as origens do que se concebe como teoria *queer* estariam ligadas à segunda onda feminista, ao movimento negro do sul dos Estados Unidos e, mais especificamente, à postura da população em geral frente aos homossexuais que, em um cenário de epidemia de AIDS e pelo medo da contaminação, eram percebidos como grupo abjeto cuja repulsa era recomendada e estimulada (*queer nation*). De um ponto de vista teórico e metodológico, ainda, ela seria herdeira do encontro dos Estudos Culturais norte-americanos com o Pós-Estruturalismo francês, tendo como aspecto importante a desconstrução das noções clássicas de sujeito e de identidade (MISKOLCI, 2015).

Teresa de Lauretis (1991), a quem se atribui o emprego inicial do termo *queer*, defenderá o seu uso como uma tentativa de perturbar a complacência da cômoda e bem estabelecida fórmula “estudos gays e lésbicos”. A ideia seria, através desses trabalhos, aí alocados, estabelecer formas de resistência à homogeneização cultural e aos discursos dominantes de uma cultura heteronormativa. A *Queer Theory*, pois, traria imbricada a dupla ênfase de um trabalho conceitual e especulativo envolvido na produção de um discurso e, ao mesmo tempo, na desconstrução e crítica necessária de nossos próprios discursos e de nossos silenciamentos (DE LAURETIS, 1991). Os pensamentos e as ações *queer* seriam, como adjetiva Guacira Lopes Louro (2013), impertinentes, provocativas, perturbadoras, fascinantes, desrespeitosas, profanas, contestadoras.

Sendo o gênero constituído por relações de poder¹⁰ (SCOTT, 1995), nas quais o masculino estrutura-se como mais valorativo em relação ao feminino, propomos aqui a integração das lógicas do discurso que também agirão com força regulatória em relação a todas as mulheres. Puta e vadia, por exemplo, trazem em si as mesmas contradições e potências performativas de bicha, de viado e de sapatona. A Marcha das Vadias, entre outros ativismos feministas, tem seguido proposições de linguagem que são *queer* – a ressignificação de uma ofensa e o assumir o lugar de abjeção colocado por regimes regulatórios. Interpretamos, em tais conjunturas, que determinadas performances de Madonna podem ser lidas ou operacionalizadas por instâncias mediáticas como *queer*.

¹⁰ Scott (1995) ainda trabalhava com a distinção entre sexo e gênero borrada pelos estudos *queer*.

Kellner (2001) sugere que Madonna é capaz de inverter as relações e dominação no campo do gênero usando, inclusive, signos de opressão em sentidos de deboche e prazer libidinoso. O trabalho de Thrift (2003) aponta que “ser notícia” é um fator crucial para o sucesso econômico no contexto da cultura pop. Assim, apropriando-se de lógicas *queer* e performando¹¹ uma “vagabunda”, Madonna mobiliza contradições e tensões relacionadas aos feminismos e ao movimento LGBTQ, desenvolvendo performances que borram as categorias de homem e mulher e o binarismo de virgem e puta. Nessa conjuntura, os textos de Lima e Soares (LIMA, SOARES, 2014; LIMA, 2016; SOARES, LIMA, 2017) analisaram performances em diferentes *shows* de Madonna entendendo como questões políticas relacionadas ao gênero e aos seus diferentes marcadores de intersecção aparecem em tais atos performáticos, compreendendo que mesmo operando dentro de determinados pressupostos normativos de beleza hegemônica, a cantora é capaz de provocar desgosto, medo e ódio, pautando ideias relacionadas aos feminismos, ao *queer* e ao *camp*. Monteiro e Soares (2013) recuperam algumas polêmicas e discussões políticas que atravessaram o lançamento de videoclipes de Madonna, como a “fúria” causada nos setores mais conservadores da sociedade estadunidense com o lançamento de *Like a Prayer*, o que levou, inclusive, a perda de um contrato publicitário com a Pepsi. Lucena e Soares (2014) apontam como o a música e o videoclipe *Express Yourself* reforçam os lugares de poder do masculino e a fragilidade do feminino, assim como defendem a mirada crítica não-polarizadora em torno da cantora. Lucas de Carvalho (2016) desenvolve uma simetria entre a emergência de Madonna na década de 1980 e a gênese do *queer*. Monteiro e Silva (2018) analisam de maneira direta a representatividade e as contradições LGBTQs no clipe de *Vogue*, ressaltando o esvaziamento político de algumas identidades representadas no vídeo.

Há, portanto, uma mirada *queer* sobre as performances de Madonna no contexto acadêmico. Nosso foco, aqui, a partir desses lugares, passa a ser tentar perceber como a interface entre jornalismo e cultura pop vem semiotizando a “putaria” de Madonna. O próximo item, então, dedica-se a discutir tal interface para, na sequência, desenvolvermos um exercício de análise.

¹¹ Destacamos a insuficiência da proposta em englobar, também, uma diferenciação crítico-reflexiva em torno das noções de performatividade e performance mais ampla, tendo em vista que tal esforço demandaria outro artigo. Compreendemos, ao mesmo tempo, que as noções de performance, por si só, geram um campo de estudos complexo e multifacetado, como apontam o trabalho de Amaral, Soares e Polivanov (2018). Aqui estamos entendendo como performance, assim como faz Lima (2016) a partir de Carlson (2010), os agenciamentos de corpos e afetos que atravessam experiências mediadas por shows, estudos, programas de TV, rádios, sites de redes sociais, entrevistas. Acrescentamos que tais performances, em uma dimensão de signos, podem disparar produções de sentidos e acontecimentos (HENN et al., 2016). É nesse contexto que Madonna vem acontecendo.

JORNALISMO, CULTURA POP E TERRITORIALIDADES SEMIÓTICAS

Em pesquisa recente (GONZATTI, 2017) defendeu-se o conceito de jornalismo de cultura pop¹². Entre os movimentos metodológicos que sustentaram o processo, citamos a problematização do jornalismo cultural – e até qual medida ele daria conta dos movimentos de cobertura informativa em torno da cultura pop; as aproximações e distanciamentos da noção de *infotainment*; a mirada crítico-reflexiva sobre pesquisas que já traziam uma articulação entre o pop e o jornalismo; uma contextualização histórica de emergência da cobertura informativa sobre o pop – analisando a virtualidade de processos que resultariam na articulação entre a cultura pop e o jornalismo, como, por exemplo, a cobertura feita em revistas¹³; discussões conceituais sobre como a cultura digital potencializou os (ciber)acontecimentos que emergem do pop; e o mapeamento de veículos/plataformas que constituem tal jornalismo no contexto brasileiro visando criar categorias para refletir sobre essas complexidades. Trazemos uma discussão sobre esse último movimento articulando-o à noção de territorialidades semióticas.

Através de pesquisa exploratória, perceberam-se sete categorias de cobertura jornalística – a macrocategoria de cultura pop, que engloba todas as outras: música pop, celebridades, geek/nerd/otaku, cinema e séries, novelas e humor – e dois vínculos de produção – fãs e políticos-identitários. É importante destacar que um veículo pode estar presente em mais de uma categoria, na medida em que alguns cobrem noticiosamente a música pop e as celebridades, por exemplo. Ao mesmo tempo, instituições mais antigas e que passaram pelas instâncias de um jornalismo mais tradicional, apresentam sessões destinadas à cobertura da cultura pop em seus sites, muitas vezes organizadas por *tags*. É o caso de espaços como ZH Entretenimento, G1 Pop & Arte, Veja Entretenimento, entre outros. Alguns constituem redes digitais específicas para tratar das temáticas pop, como o Veja Entretenimento, que possui perfis em sites de redes sociais para compartilhar notícias.

Entendendo que uma notícia configura-se como signo e dispara um processo de semiose (PEIRCE, 2002) – ação, geração e propagação de outros signos – compreende-se que a distribuição de determinado veículo através de sites, *blogs*, sites de redes sociais distintos, como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram*, configuram semiosferas (LOTMAN, 1996)¹⁴ específica através da qual acontecimentos pop configuram-se em semioses através de notícias e da ação dos públicos que consomem esses materiais (GONZATTI, 2017). Isso implica na postulação de que há, por

¹² Entende-se a cultura pop como os processos socioculturais, políticos, econômicos e os geográficos que envolvem o desenvolvimento de produtos midiáticos para o consumo engendrados por lógicas das indústrias culturais anglofilas-estadunidenses e que visam a conquista de mercados com alta visibilidade (VELASCO, 2010).

¹³ Temática que é aprofundada por Rossa (2018).

¹⁴ O autor entende a semiosfera como o espaço de convergência e metabolização de todas as semioses, ou seja, dos processos que produzem sentido na realidade.

exemplo, no Papel Pop uma rede de sentidos diferente de outros veículos jornalísticos pop, como o Omelete. A noção de territorialidades semióticas (HENN, 2017)¹⁵, ao pressupor que territórios em rede são instituídos e atravessados por semioses complexas que constituem tensões, permeabilidades, fechamentos e semioticidades retrógradas e libertárias, pode ser aplicada para compreender como a cobertura da cultura pop tem, em algum nível, a semiosfera regulada pelas linguagens e temáticas de determinado veículo. Madonna, portanto, está incursa nesses processos jornalísticos que constroem realidades sobre nossas concepções de gênero (VEIGA DA SILVA, 2014).

Nos trabalhos de Monteiro e Soares (2013, 2014), são realizados apontamentos sobre o não reconhecimento do valor artístico de Madonna pelo jornalismo cultural, dada a maneira como as pautas são construídas através de subjetividades. Monteiro e Soares (2013, 2014) postulam uma especificidade no jornalismo cultural que circunscreva os produtos da cultura pop e a elaboração de críticas culturais que saiam de problemáticas do lugar comum e de hierarquias entre uma “alta cultura” e uma “baixa cultura” – que também são perpassadas por valores de masculinidade e feminilidade. Em Macedo e Silva (2015), embora não sejam especificadas metodologias e resultados de uma ordem empírica, é sublinhado o esvaziamento político e estético pela imprensa da obra de Madonna na cobertura da turnê *The Girlie Show*. É através de tais quadros que passamos para a análise da performances *queer* de Madonna na interface entre jornalismo, cultura pop e territorialidades semióticas.

MARATONA SEXUAL (E JORNALÍSTICA) DE MADONNA

Se notícias são signos que surgem através da ação de um interpretante sobre determinados acontecimentos, através delas também se constituem semiosferas e territorialidades semióticas. Passamos, em consequência, a *flanar*, cartografando em diferentes temporalidades e contextos das redes digitais, materiais jornalísticos em torno de Madonna. Através da busca por palavras-chave em navegadores ocultos¹⁶ – visando a diminuir a influência dos algoritmos – trazemos algumas semioticidades constelacionais e subjetivas que buscam dar conta das problemáticas do artigo.

A primeira delas é um vídeo¹⁷ publicado no YouTube sobre uma reportagem do Jornal Nacional em outubro de 1992 que abordava o lançamento do livro *Sex*¹⁸. Cid Moreira, apresentador do programa, faz uma introdução detendo-se sobre o valor de divulgação do que o

¹⁵ Considerações feitas na III Jornada dos Grupos de Pesquisa em Semiótica.

¹⁶ Utilizamos o modo oculto do Google Chrome.

¹⁷ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=NR5_iIQ_5-E&t=7s. Acesso em: 06 jul. 2017.

¹⁸ *Sex* é um livro escrito por Madonna, com fotografias tiradas por Steven Meisel e quadros de filmes feitos por Fabien Baron. O livro foi editado por Glenn O'Brien e lançado em 21 de outubro de 1992 pela Warner Books, Maverick Books e Callaway Books. Foi lançado praticamente junto com seu quinto álbum de estúdio, *Erotica*, que estreou um dia antes.

programa chama de “pacote erótico de Madonna” – aproximadamente 65 milhões de dólares, o que equivalia a mais de 500 bilhões de cruzeiros. Depois são intercaladas imagens do videoclipe¹⁹ com a tradução dublada de qualificações de quatro homens e uma mulher sobre o trabalho da *performer*: “ela é um máximo”, “vou ver se consigo de graça”, “ela foi um pouquinho longe demais”, “ela é louca”, “é ótima”, respectivamente. A voz do jornalista Paulo Henrique Amorim anuncia o lançamento do “livro *Erotica* e o disco *Sex*”, apresenta fãs – “fregueses” – usando as “fantasias das personagens” do livro. Posteriormente, o programa detém-se nos valores econômico em torno da publicidade do livro que retrata as fantasias sexuais da cantora, no qual, segundo o telejornal, “Madonna faz tudo o que é possível imaginar e muito mais”. Depois citam que Clark Gable teria causado, em 1934, uma queda nas vendas de camisetas nos Estados Unidos ao aparecer sem uma por baixo da camisa em um filme, uma crise, em 1955, causada por combinações de Marilyn Monroe no Japão e encerram a reportagem perguntando o que iria acontecer com a “maratona sexual de Madonna?”.

Ao entrar em processo de recirculação, a pauta em torno de Madonna ganha outras possibilidades mediáticas. Nos comentários acionados pela reportagem, ganham destaque o deboche e a crítica em relação a desinformação prestada pelo jornalismo ao confundir os nomes do livro e do álbum, um “*flop*” na perspectiva de um ator social em rede. Madonna é apontada como uma “lenda viva”, a “Vai Malandra de 25 anos atrás” – um paralelo feito em relação à cantora brasileira Anitta – e a causadora de situações nas quais o “patriarcado chora”. Os vinte comentários vão de 10 anos – o material foi publicado em 25 de abril de 2007 por um perfil pessoal – à 5 meses atrás. Um deles faz o seguinte apontamento: “*A economia do país deveria estar muito bem obrigado, Madonna no Jornal Nacional*”. O que reitera a distinção entre *hard news* e *soft news* através de valores generificados em um sistema binário (VEIGA DA SILVA, 2014): razão-emoção, masculino-feminino, força-fraqueza, por exemplo.

Visando a refletir sobre as sessões em jornais mais tradicionais, trouxemos a notícia que mais aparecia em buscas no Google referente às palavras “Madonna” e “sexo” articuladas. Elegemos a publicação da GaúchaZH (antes Zero Hora), um veículo da RBS, filiada da Rede Globo, para elaborarmos inferências: “Madonna promete sexo oral a quem votar em Hillary Clinton²⁰”. Abaixo do título em destaque, com uma fonte *bold*, um *lead* discreto: “Cantora deu a declaração, em tom de brincadeira, durante uma apresentação da humorista Amy Schumer, em Nova York”. A matéria destaca a campanha de Madonna para Hillary, a data da votação e

¹⁹ Para assisti-lo: <https://www.youtube.com/watch?v=WyhdyRWEWRw>. Acesso em: 06 jul. 2017.

²⁰ Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2016/10/madonna-promete-sexo-oral-a-quem-votar-em-hillary-clinton-7860509.html>. Acesso em: 06 jul. 2017.

contextualiza o momento da “brincadeira” – que foi reverberada em muitos portais jornalísticos. No Facebook²¹, o título foi alterado para “Madonna esquentando a campanha eleitoral americana”, com a seguinte legenda: “Madonna prometeu presente ‘quente’ aos eleitores que votarem em Hillary Clinton”. Uma estratégia que visava a mobilizar o clique no site e que, ao mesmo, reitera o masculino como universal e como foco da “brincadeira” sexual de Madonna – em uma perspectiva heterossexual. Poderiam colocar que a promessa se dirigia a quem votasse em Hillary, por exemplo, para romper com tal lógica.

Os comentários do site aparecem totalmente descontextualizados, na medida que se referem a outras notícias. Ao mesmo tempo que cogitamos ser alguma falha na programação, observamos que alguns perfis sinalizavam o mesmo erro em outras notícias com conteúdos polêmicos. Questiona-se, então, se o movimento seria uma estratégia para evitar a materialização de comentários odiosos na rede do veículo. Em relação ao *Facebook*, Madonna aparecerá como vetor de disputas políticas entre Trump e Hilary, com direito a publicação de informações falsas (a de que a vitória da candidata levaria a uma guerra, por exemplo), sendo qualificada como “uma artista pervertida e doente que apoia candidatos de esquerda”, e recebendo respostas machistas e idadistas em relação à brincadeira do sexo oral: “velha desse jeito?”, “ninguém quer um boquete dessa véia louca, deixa pro Jesus luz!”, “esta bruxa vai fazer um sexo oral com o bill”, “um pedaço de pelanca esticada”, “parece a freira do *The Conjuring 2*”, “com dentadura ou sem?”.

No que se refere especificamente a um exercício de jornalismo de cultura pop, selecionamentos materiais do Papel Pop – que estaria na macrocategoria sinalizada anteriormente por abordar múltiplos temas. A primeira matéria que trazemos é a notícia sobre o lançamento de um novo videoclipe de Madonna: “Madonna volta para o sexo, o pecado e a pegação no clipe de ‘Girl Gone Wild’!²²”. Utilizando GIFs de momentos tórridos do vídeo – como um modelo que balança o volume em sua cueca – o texto da matéria qualifica o material como o mais “gay do ano”, no qual Madonna dança com as “bees” de salto alto, apontando também as referências de outros videoclipes da carreira da artista, como *Vogue* e *Erotica*, e a outras músicas que, na percepção do jornalista Phelipe Cruz, poderiam ter sido um *single* do álbum *MDNA*, fechando o texto com a frase “*There’s only one queen and that’s Madonna, bitch!*”. No Facebook, a notícia foi compartilhada com a legenda: “Madonna só no pecado e na pegação no clipe de ‘Girl Gone Wild’!²³”. Apenas no site de rede social houve comentários²⁴

²¹ Fonte: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10150807847354956>. Acesso em: 06 jul. 2017.

²² Fonte: <http://www.papelpop.com/2012/03/madonna-volta-para-o-sexo-o-pecado-e-a-pegacao-no-clipe-de-girl-gone-wild/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

²³ Fonte: <https://www.facebook.com/papelpop/posts/196701417106900>. Acesso em: 06 jul. 2018.

que vão celebrar o retorno de Madonna – “será que ela ouviu nossas orações e voltou a ser puta?”, “essa sim é a Madonna”, “um dos cliques mais lindos dos últimos anos”, “é genial a forma como ela provoca a Igreja, a religião!” – e desenvolver disputas de fãs, prioritariamente entre Lady Gaga e Madonna – “copiou a Gaga”, “copiou a Gaga? Antes da Gaga nascer Madonna já tinha feito isso, pf né”. “Gaga who?”, “Alejandro”.

Objetivando trazer um recorte do processo de semiótica de uma notícia na mesma territorialidade em outro contexto temporal, selecionamos a matéria “Estamos aplaudindo o discurso incrível de Madonna ao aceitar prêmio de Mulher do Ano²⁵”, do Papel Pop. O texto cita o prêmio da Billboard dado à celebridade e destaca os principais pontos do seu discurso de agradecimento trazendo trechos da fala. Citamos e destacamos alguns trechos do discurso na tradução feita pelo site:

*Se você é uma garota, você tem que jogar o jogo. Você tem permissão para ser bonita, fofo e sexy. Mas não pareça muito esperta. Não haja como você tivesse uma opinião que vá contra o status quo. **Você pode ser objetificada pelos homens e pode se vestir como uma puta, mas não assuma e se orgulhe da puta em você.** E não, eu repito, não compartilhe suas próprias fantasias sexuais com o mundo. Seja o que homens querem que você seja, e mais importante, seja alguém com quem as mulheres se sintam confortáveis por você estar perto de outros homens. E por fim, não envelheça. Porque envelhecer é um pecado. Você vai ser criticada e humilhada e definitivamente não tocará nas rádios[...] **Eu me lembro de ser a manchete de cada jornal e revista. Tudo que eu lia sobre mim era ruim. Eu era chamada de vagabunda e de bruxa. Uma das manchetes me comparava ao demônio.***

No *Facebook*²⁶, a notícia foi compartilhada com a legenda: “Só podemos dizer: Rainha MESMO! <3”. No processo semiótico desencadeado pela matéria, aparecem seis das sete constelações de sentidos percebidas em Gonzatti (2017). As linguagens desenvolvidas por grupos LGBTQs (“pisa menos Madonna, eu te imploro!”; “lacradora”; memes da cantora)²⁷, as transviádices, que falam de sexo, de putaria, subvertem lógicas heterossexuais (“dona do meu cool” – com uma foto de Nick Minaj com a bunda empinada; montagens com o beijo de Madonna e Britney Spears²⁸), feminismos (“gays e essa eterna mania de colocar as mulheres umas contra as outras [...]”, que se configura como um comentário extenso criticando comentários que colocavam uma disputa entre divas como foco da conversação; “*eu sou uma feminista má* arrepiei todinha”), destacando a importância representacional de Madonna para

²⁴ O Papel Pop alterou o sistema de comentários da plataforma Disqus para o Facebook, o que faz com que comentários antigos fossem perdidos.

²⁵ Fonte: <http://www.papelpop.com/2016/12/estamos-aplaudindo-o-discurso-incrivel-de-madonna-ao-aceitar-premio-de-mulher-do-ano/>. Acesso: 06 jul. 2018.

²⁶ Fonte: <https://www.facebook.com/papelpop/posts/932539996778241>. Acesso 06 jul. 2018.

²⁷ Os comentários entre parênteses não foram os únicos de cada constelação de sentido.

²⁸ Exemplo: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1179636772118056&set=p.1179636772118056&type=3&theater>. Acesso: 06 jul. 2018.

mulheres e LGBTQs (“não existe dinheiro, não existe coroa que pague tudo que você fez pra um mundo mais livre”; “se hj muitas rebolam em cima dos palcos, ou fazem suas performances sem serem crucificados, foi porque Queen M fez antes e apanhou por elas!”), colocações que reforçam preconceitos (“faz bacanal com os Dançarinos, usa drogas, tá tudo errado nessa porra. Puta que pariu”) – que apareceram com pouca intensidade – e enfrentamentos ativistas e problematizações mais críticas (“rainha sim. mas a Billboard só tem eleito mulheres brancas”; “Bela, Recatada e do Lar²⁹”).

O nosso *flanar* orientado pela análise de construção de sentidos em redes digitais constituiu uma percepção da performance puta, e, portanto, *queer*, de Madonna que extrapola a materialidade textual colocada no artigo. Citamos, entre tantos casos, a coluna crítica da GaúchaZH sobre o discurso da Billboard, do jornalista Paulo Germano “Que feminismo é esse, Madonna?³⁰”; blogs antifeministas que trazem uma mirada conservadora sobre as performances *queer* de Madonna³¹ (trecho do blog Mulheres Contra o Feminismo: “Que tipo de mulher é essa que luta pelo empoderamento das mulheres mas se comporta como uma prostituta barata para apoiar a sua companheira? Uma mulher idosa que é detestada pelos filhos e ainda assim se comporta como uma piriguete funkeira?”); os acontecimentos relacionados à campanha de Hilary, como a vez em que Madonna mandou Trump “chupar um pau³²”, disse que poderiam “explodir a casa branca³³” – usando o Instagram para explicar o seu discurso, o que sinaliza a dimensão da plataforma como acionadora de pautas para o jornalismo de cultura pop – o que fez com o que o político a chamasse de nojenta³⁴ e com o que o seu conselheiro a ameaçasse de prisão por terrorismo³⁵; simetrias acontecimentais entre Madonna e outros casos que utilizaram simbologias cristãs, como a trans crucificada na parada LGBTQ³⁶; além de plataformas que desenvolvem uma curadoria informativa e arqueológica em torno da cantora, como a *Madonna Literal*, que recupera³⁷ uma reportagem do *Jornal da Globo* sobre os 25 anos do documentário *Na Cama com Madonna* que a categoriza como “moradora do imaginário

²⁹ Para saber mais sobre o caso: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/tumblr-bela-recatada-e-do-lar-reune-memes-incriveis-em-resposta-materia-da-revista-veja/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

³⁰ Para acessar: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10150852418384956>. Acesso em: 06 jul 2018.

³¹ Por exemplo: <https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/2016/10/26/a-feminista-madonna-oferece-sexo-oral-para-quem-votar-para-hillary-clinton/>. Acesso em: 06 julho. 2018.

³² Fonte: <http://www.papelpop.com/2017/01/madonna-manda-donald-trump-chupar-um-pau-em-show-na-womens-march/>. Acesso em: 06 julho. 2018.

³³ Fonte: <http://www.papelpop.com/2017/01/madonna-explica-frase-sobre-explodir-casa-branca-em-marcha/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

³⁴ Fonte: <http://www.papelpop.com/2017/01/ela-e-nojenta-diz-donald-trump-sobre-madonna/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

³⁵ Fonte: <https://www.facebook.com/portaipopline/photos/a.10150220957829341.339347.312641429340/10155255242249341/?type=3&permPage=1>. Acesso em: 06 jul. 2018.

³⁶ Fonte: <https://www.facebook.com/g1/posts/975517532500332>. Acesso em: 06 jul. 2018.

³⁷ Fonte: <https://www.facebook.com/MadonnaLiteral/videos/1343362585709183/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

masculino”>; ou ainda a página do Facebook *Poser de Madonna*³⁸, que compartilha e traduz vídeos com ela para o português – por exemplo, uma entrevista na qual ela diz que foi ameaçada de morte na Rússia por defender os direitos LGBTQ³⁹. Através do processo analítico de cartografar múltiplas e distintas territorialidades semióticas, trazemos algumas considerações sobre os questionamentos que nortearam a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As performances de Madonna que se aproximam de uma lógica *queer* têm a sua potência semiótica ressignificada através do enquadramento em diferentes contextos jornalísticos. Operacionalizar a cultura pop como notícia é uma tarefa que ganha intencionalidades diversas. Em um contexto mais tradicional-histórico, como os percebidos, por exemplo, no *Jornal Nacional* e no *Jornal da Globo*, as semioticidades em torno de Madonna são construídas em uma perspectiva higienizadora, não sendo utilizadas palavras “suja”, masculina, focada em aspectos econômicos e quantitativos, cujo alguns erros revelam catalisações do presente no qual fãs desenvolvem a cobertura jornalística das produções midiáticas e das celebridades. Ressaltamos a importância de refletir sobre a percebida articulação entre a vivência fã e o jornalismo de cultura pop, capaz de mobilizar, inclusive, a formação jornalística em fãs, como no caso do Papel Pop⁴⁰. Nesse contexto de cobertura, Madonna é capturada em perspectiva menos “limpa”, com expressões próximas dos seus públicos no contexto brasileiro, embora não exista com frequência uma análise estética ou crítico-reflexiva das suas obras, prevalecendo uma perspectiva enaltecida. As notícias, no entanto, são ressemantizadas e passam a inaugurar diferentes sentidos, configurando territorialidades semióticas.

Territórios nos quais semioticidades de diferentes ordens ganham materializações através linguagens revelam outros aspectos em torno das performances de Madonna. A possibilidade de recircular conteúdos jornalísticos através das plataformas da internet permite que tais produtos sejam acessados em uma outra dimensão crítica. São apontados erros e aspectos obliterados em determinadas reportagens. A construção de sentidos e a possibilidade de serem instituídas territorialidades semióticas através de redes digitais é um processo dinâmico, em constante transformação, no qual podem ser apreendidas diferentes percepções sobre múltiplos objetos, incluindo os da cultura pop. Territorialidades distintas são configuradas através de jornalismo e linguagens selecionadas para a construção das notícias.

³⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/madonnaposer/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

³⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/madonnaposer/videos/1037952246288609/>. Acesso em: 06 jul. 2018.

⁴⁰ O que foi apontado em Gonzatti (2017).

Na GaúchaZH, por exemplo, são acionados comentários odiosos sobre Madonna através da apropriação noticiosa da sua brincadeira política de cunho-sexual: uma postura puta que não estaria adequada a sua idade. Em uma matéria crítica sobre o feminismo de Madonna, aparecem sentidos de fechamento em relação ao diálogo com o veículo e muitas oposições a um homem escrever sobre feminismo – o que foi potencializado pelo teor do texto, que tenta colocar um teor vitimista no discurso feito para o prêmio da *Billboard*. No Papel Pop, em 2012, prevalecia na rede digital do veículo uma incessante disputa de fãs sobre as suas divas, já em um contexto mais contemporâneo, tal disputa ainda aparece, mas dá espaço a comentários mais críticos e que abordam questões não mencionadas no texto da matéria, assim como a uma performance política que celebra o “ser puta” de Madonna – o que se aproxima do *queer*. Ainda em outros contextos, como o da *Poser de Madonna*, podem ser notadas discussões configuradoras de territorialidades semióticas na qual predominam a construção de afetos e sensibilidades sobre a trajetória da cantora.

A construção de notícias e de materiais críticos sobre Madonna poderia ir além da intencionalidade inauguradora de polêmicas e disputas de sentidos para atrair cliques e/ou visibilidade. Cabe questionar como a subjetividade das/dos comunicadores em relação à cultura pop vem sendo construída em suas formações acadêmicas – pensando inclusive em relatos de conflitos sobre entender tais objetos como dignos de pesquisas. Há uma possibilidade de formação sobre a cultura pop que saia das lógicas binárias e do espectro ódio-amor? Bessa (2016, p. 31) reflete que “[...] o apelo da crítica *queer* é justamente o de sensibilizar nosso olhar para enfrentar novos campos de batalha”. O jornalismo poderia valer-se de tais aspectos e operacionalizar a cultura pop em uma dimensão pedagógica-transformadora, desenvolvendo diálogos com as territorialidades semióticas que o atravessam, visibilizando e conversando com o olhar estético que muitos trabalhos acadêmicos apresentam. As matérias sobre Madonna poderiam, assim, construir novas percepções sobre as “putarias”, afervorando “corações rebeldes” e revolucionários.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.41, n.1, p.63-79, jan./abr. 2018.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de SP, 2006.

BESSA, Karla. A Teoria Queer e os desafios às molduras do olhar. **Cult**, São Paulo: Editora Bregantini, nº 6, ano 19, janeiro 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In.: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, 2003: Civilização Brasileira.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CARVALHO, Vinícius Lucas de. *Madonna queer: teoria queer e representatividade LGBT na biografia de cinquenta anos do maior ídolo da música pop*. **Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais**, Universidade de Aveiro, Portugal, 2016.

GONZATTI, Christian. *Bicha, a Senhora é Performática mesmo: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop*. **Dissertação de mestrado**, Unisinos, São Leopoldo, 2017.

DE LAURETIS, Teresa. *Queer theory: Lesbian and gay sexualities*. Indiana University Press, 1991.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

HENN, Ronaldo; GONZATTI, Christian; ESMITIZ, Francielle. *Pussy Made Of Steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women’s March na página Supergirl Brasil*. **Revista Fronteiras**, 19(3):401-414 setembro/dezembro 2017.

HENN, Ronaldo; GONZATTI, Christian; KOLINSKI MACHADO, Felioppe Viero. *Jordan lives for the applause: performances de si como propulsoras de cibercontecimentos*. In: **Encontro Anual da Compós**, 25., 2016, Goiânia. Anais... Goiânia: UFG, 2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIMA, Mariana Lins. *Pop don’t preach: a construção de narrativas políticas na música pop*. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Intercom – Caruaru - PE – 07 a 09/07/2016.

LIMA, Mariana Lins; SOARES, Thiago. *“Open your Heart to Me”: Ritualização Midiática e Sacralização na Performance de Madonna*. **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Intercom, João Pessoa, PB, 15 a 17/05/2014.

LOTMAN, Yuri. **La semiosfera: semiótica de la cultura y del texto**. Madri: Catedra, 1996.

LOUREIRO, Gabriela; VIEIRA, Helena. *Transgênero*. **Galileu- Gênero, tudo o que você sabe está errado**. São Paulo: Editora Globo, nº 291, nov. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LUCAS DE CARVALHO, Vinícius. *Madonna queer: teoria queer e representatividade LGBT na biografia de cinquenta anos do maior ídolo da música pop*. **Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais**, Universidade de Aveiro, Portugal, 2016.

LUCENA, Victória Junqueira Ayres; SOARES, Thiago. “Express Yourself”: Binarismo de Gênero na Desconstrução de Madonna. **18º Redor**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 24 a 27 de novembro de 2014.

MACEDO, André Souza Nascimento; TEODORO DA SILVA, Ana Cristina. Gênero e Erotismo na Cobertura Midiática de Madonna: “The Girlie Show”. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Intercom**, – Rio de Janeiro, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MONTEIRO, Gabriel Holanda; SILVA, Naia Rodrigues da. “Come on, Vogue!”: Madonna e a construção da identidade LGBT através da representação simbólica na música pop. Ano XIV, n. 1., **Temática**, Janeiro/2018.

MONTEIRO, Maria Helena; SOARES, Thiago. Museu de Grandes Novidades: Crítica, Agendamento e Valor sobre a Obra de Madonna no Jornalismo Cultural. **Intercom**, XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa, 2014.

MONTEIRO, Maria Helena; SOARES, Thiago. “You Must Be My Lucky Star”: A Relevância da cantora Madonna na Gestão de Carreiras da Música Pop. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, **Intercom**, 2013.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Past Masters, CD-ROM. EUA, IntelLex Corporation, 2002.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui*: sexo, drogas e biopolítica. Madrid: Espasa-Calpe, 2008.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROSSA, Letícia. “Brasil, Mostra a Tua Cara”: valores identitários na cultura pop de Rolling Stone. Dissertação de mestrado, Unsinos, São Leopoldo, 2018.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 1ª ed, 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20 (2), jul/dez, 1995.

SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

SOARES, Thiago; LIMA, Mariana Lins. Políticas de gênero nas performances de Madonna. *Vozes & Diálogo*, Itajaí, v. 16, n. 02, jul./dez. 2017.

THRIFT, Samantha C. Appropriate the Stereotype: Cultural Appropriations and the Queer, Lesbian, and Madonna and Martha Stewart. **Thridts Space**, a journal of feminist theory & culture. Março, 2003.

VELASCO, Tiago. Pop: em busca de um conceito. **Animus** - Revista interamericana de comunicação midiática, v.17, jan-junho, 2010.